



GT 58. Migrações, Mobilidades e Deslocamentos. As movimentações populacionais na contemporaneidade.

Coordenador(es):

Miriam de Oliveira Santos (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Gláucia de Oliveira Assis (UDESC - Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Daniel Granada da Silva Ferreira (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 2

Debatedor/a: Maria Catarina Chitolina Zanini (ufsm)

Sessão 3

Debatedor/a: Sidney Antonio da Silva (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Desde 2006, esse GT tem buscado refletir sobre as diferentes dimensões e contextos das mobilidades. No século XXI a chamada "crise migratória", o processo de securitização nas fronteiras, a intensificação dos deslocamentos, ganharam uma relevância e urgência significativas que refletem a complexidade dos conflitos de várias naturezas presentes na mobilidade humana. Nesse contexto, homens, mulheres e crianças em movimento categorizados como migrantes, refugiados, deslocados ou pessoas em mobilidade, buscam na migração (com maior ou menor grau de escolha e/ou de protagonismo) um caminho para seus projetos em busca de melhores condições de vida do que têm na sua região ou país de origem. A proposta deste GT é acolher trabalhos que busquem analisar os processos e políticas migratórias considerando que raça, gênero, classe e outros marcadores impactam na compreensão dos processos, no diálogo intercultural e nas interações com a sociedade de acolhimento. Compreender as interações cotidianas e as lógicas classificatórias que são acionadas em função dos processos migratórios, de como os migrantes são categorizados e das novas configurações societárias contemporâneas. O GT propõe a partir de um diálogo interdisciplinar da Antropologia com outros campos, acentuar as trocas de metodologias e experiências de pesquisa nos estudos migratórios, promovendo um aprofundamento em relação às abordagens habituais e acrescentando novas possibilidades para o enfoque antropológico da questão.

"De Lá Pra Cá": experiências diaspóricas de baianas e baianos para região da Grande Florianópolis.

Autoria: Tatiane Silva Cerqueira Santos (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

O work a que venho apresentar aqui nesse espaço acadêmico é referente à minha pesquisa de mestrado: uma etnografia sobre baianos e baianas que vivem na Grande Florianópolis. A minha proposta de pesquisa buscou conhecer as narrativas de baianos e baianas que migraram para Santa Catarina, especificamente, para a região da Grande Florianópolis. Com a intenção de responder às seguintes perguntas: por que migraram para o Sul do país? Como vivem na cidade e são acolhidos pelo estado receptor? Assim faço uma comparação entre as capitais atlânticas Salvador e Florianópolis, traçando uma breve contextualização da população negra nestes locais. Proponho um debate acerca dos aspectos diaspóricos que envolvem as migrações internas no Brasil, contextualizando-os em diálogo com a questão da identidade e as práticas da colonialidade. Dessa forma, apresento as formas de organização e circulação dos baianos em diferentes espaços de mobilidade na Grande Florianópolis, como o bairro Bela Vista, em São José que foi denominado



pelos meus interlocutores de uma segunda Bahia que pode ser vista e percebida. A partir das construções e encontros de elos dos baianos por meio da religiosidade, comidas típicas baianas e suas relações com a vizinhança. Esta experiência etnográfica de ver, sobretudo de perceber uma segunda Bahia no sul do país me aproximou das vivências diaspóricas dos trabalhadores e trabalhadoras migrantes na Grande Florianópolis. Procuo entender como eles vivem diariamente as questões de hostilidades em Florianópolis, por exemplo, racismo, xenofobia e violência institucional em um contexto, onde encontramos um movimento que reforça a separação entre o Sul e o Nordeste.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: